

O TEMA DO CORPO NA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO

Carlos José MARTINS

Mestrando em Filosofia – PUCCAMP

A tradição filosófica e científica tem concebido o corpo como realidade parcializada, distinta do espírito. O corpo vem sendo considerado como coisa, como extensão, matéria, como um epifenômeno, uma substância de segunda categoria submetida à alma. Temos aí uma concepção mecanicista do corpo, onde este aparece como corpo objeto, mosaico de partes extra partes, reduzido a uma funcionalidade e/ou a uma instrumentalidade.

O problema que aí se coloca é o de que: depois de tornar o corpo um objeto, um instrumento, um mecanismo e dissecá-lo em partes, como restituir-lhe a “vida” (a percepção, a motricidade, os afetos, a sexualidade, a comunicação, etc.)?

É a esta questão que vem responder a obra de Merleau-Ponty (1908-1961). No sentido de superar o dualismo e a dicotomia entre corpo e espírito — demarcada sobretudo pelo cartesianismo — o autor lança mão de uma análise fenomenológica da problemática com extrema propriedade. Tomando o conceito de “corpo próprio”, aponta para uma concepção de corpo como estrutura original não pertencendo à ordem da “pura coisa” nem à ordem da “pura idéia”. Mas, como o lugar que integra o “em-si” e o “para-si”, onde o “verbo” se faz “carne” e a “carne” se faz “verbo”.

Aqui o corpo não se apresenta reduzido a uma realidade fisiológica. E sim veículo de minhas intenções, modo singular de meu ser no mundo. Enraizado no espaço, porém não como uma coisa e sim ao modo de uma experiência vivida, dinâmica e significativa. Abertura às coisas e ao outro, animada pelos afetos, pela sensibilidade motora e perceptiva.

Merleau-Ponty toma como tema as experiências mais significativas e reveladoras do modo de ser peculiar ao “corpo próprio” e nos demonstra como aquilo que antes se via marcado pela exclusão e pela antinomia, torna-se expressão, no corpo, de um entrelaçamento e de um engajamento. Daí a importância dada às relações que se

constróem entre interior e exterior, subjetividade e objetividades representação e sensibilidade etc.

Como tentaremos expor, será no estudo do tema do corpo inserido na existência que revelará o que há de mais expressivo na vida humana, o reino do possível e da factibilidade e, como nos lembra Merleau-Ponty "se já não estamos de antemão salvos, também não estamos condenados"...

A ESPACIALIDADE DO CORPO PRÓPRIO E A MOTRICIDADE

A espacialidade do corpo próprio é uma espacialidade de situação e não uma espacialidade de extensão, exterior, objetiva, mera justa-posição de partes.

A espacialidade do corpo esboça-se através de um "esquema" no qual o corpo encontra-se "orientado ao mundo e comprometido com ele". Tal concepção difere da concepção cartesiana que implica uma "espacialidade de posição", onde os objetos encontram-se justapostos e mantêm entre si uma relação de exclusão. Isto em razão do fato do corpo aí estar separado da consciência e por esta ser tomado como coisa, apresentando portanto, uma espacialidade própria das coisas.

Dado que o corpo se move, desloca-se no tempo e no espaço, a motricidade é a expressão, antes melhor, é o modo de ser por excelência do corpo no mundo. A relação entre espacialidade e motricidade se exprime no fato de que, sendo a espacialidade do corpo próprio uma espacialidade de situação, esta implica a possibilidade de ação, do contrário, sem a motricidade, a espacialidade tornar-se-ia algo abstrato, sem sentido e o corpo se veria convertido em um fragmento de espaço.

Portanto, o corpo não está submetido a sofrer passivamente o espaço e o tempo, ele os assume ativamente, tomando-os no seu sentido originário. "Por isso não se deve dizer que o corpo está dentro do espaço, nem que ele está dentro do tempo. Ele habita o espaço e o tempo".

Esta cumplicidade entre o corpo ativo e o espaço-temporalidade é o que torna possível a transformação do mundo, o que demonstra que a "natureza" do "homem não é só PHYSIS, é também PRAXIS, produção, POIÉISIS". A motricidade no homem é expressão do vivido, não se contenta com o físico ou o biológico, porque para além destes há mais ser.

“Não há motricidade humana sem sentido (...) não se pode investigá-la ao nível exclusivo das propriedades físicas e biomecânicas, porque há nela algo que subsume uma causalidade mais complexa e mais ampla, onde o físico e o biológico não permitem por si só a síntese do humano”.

O CORPO COMO EXPRESSÃO E A INTERSUBJETIVIDADE

A partir da experiência da espacialidade e da motricidade do corpo próprio, apreendi-me como não sendo puramente coisa nem puramente sujeito, mas como abertura essencial para o mundo, como ser em tensão dialética e dinâmica com este.

Meu corpo, como ser aberto para o mundo, coloca-me em relação com qualquer coisa. Porém, depara-se com algo que não manifesta-se exclusivamente como coisa, mas como portador de um comportamento vital, o que implica que este é qualquer coisa de singular no meio do mundo, pois, possuidor de uma significação.

Nesta minha experiência de abertura para o mundo, encontro corpos que se comportam como o meu, por meio de reações, expressões, linguagem e cultura que me são familiares e com os quais posso interagir, através do prolongamento de suas intenções. Estes, como que, outros-eus coabitam o mesmo mundo que eu, coexistem comigo neste mesmo espaço-tempo e com ele, como também comigo, mantêm relações portadoras de sentido, o que nos possibilita a comunicação e assim podemos nos afetar, criando nos seus vários desdobramentos possíveis o mundo da intersubjetividade.

Assim negamos a objetividade do corpo do outro, pois ao percebê-lo o encontramos animado por um comportamento, que se desdobra por sua vez no seu caráter simbólico constituidor desta que é uma das formas mais acabadas da vida intersubjetiva, qual seja, a linguagem.

CONCLUSÃO

Ao termo deste trabalho podemos ensaiar aqui, ao modo de síntese como a que nos ensinou Merleau-Ponty em sua dialética, portanto, “síntese aberta”, que diz, porém, que também sempre dá a dizer... Em assim sendo: “... O corpo é por excelência o modo de ser do homem no mundo, modo peculiar de quem está-no-mundo-para-alguma-coisa, ser práxico, sinal de um projeto, intencionalidade

operante, vocação de abertura ao outro, coexistência de consciências engajadas, instauradas sobre o solo originário da percepção, animado pelo desejo, mediado pelo simbólico e pelo trabalho, singular possibilidade de ascensão do mundo humano ao mais humano".

BIBLIOGRAFIA

- CORRÊA, J. de Anchieta. "O conceito de corpo: Em busca do propriamente humano". Revista do Corpo e da Linguagem. Maio de 1987, Vol. V, nº 14, ps. 199 a 212, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.
- HANNA, Tomas. "Corpos em Revolta: uma abertura para o pensamento somático". Rio de Janeiro, Editora Mundo Musical S. A., 1976.
- HAY, J. G. e REID, J. G. "As Bases Anatômicas e Mecânicas do Movimento Humano". Rio de Janeiro, Prentice Hall, 1985.
- LAPIERRE, André "A Simbologia do Movimento, Psicomotricidade e Educação". Trad. Bras., Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- LE BOULCH, Jean. "Rumo a Uma Ciência do Movimento Humano". Trad. Bras., Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- LE CAMUS, Jean. "O Corpo em Discussão: da reeducação psicomotora à terapia de mediação corporal". Trad. Bras., Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- MERLEAU-PONTY, M. "A Estrutura do Comportamento". Trad. Bras. Inter-Livros, Belo Horizonte, 1975.
- _____. "A Fenomenologia da Percepção". Trad. Bras. Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1971.
- MUNOZ, J. Adolfo Arias. "La Antropologia Fenomenológica de M. Merleau-Ponty, Madrid, Editorial Fraqua, 1975.
- SÉRGIO MANUEL. "Para uma Epistemologia da Motricidade Humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem". VEGA, Lisboa, 1988.
- _____. "Um Objeto de Estudo: A Motricidade Humana. Revista Brotéria, Março de 1988, Lisboa-Portugal.
- _____. "Algumas Teses sobre a Ciência da Motricidade Humana". Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 8, nºs 2 e 3, Janeiro/87 e Maio/87, São Paulo-SP, Brasil.
- _____. "Motricidade Humana – Uma Nova Ciência do Homem". Desporto e Sociedade, Ministério da Educação e Cultura, Direção Geral dos Desportos, Lisboa; Setembro de 1986.
- _____. "Uma Nova Ciência do Homem – A Quin antropologia". Revista Desportos nº 7, Bimestral (Julho-Agosto 83), Direção Geral de Desportos, Lisboa-Portugal.